

Quem sujou e rasgou as nossas botinas?

Por Luiz Campos¹

Eles tinham fé e esperança
Só não tinham o que pôr na barriga
E ninguém censure, se roubaram
De quem não lhes dava abrigo.

(Trecho do poema *A cruzada das crianças* de Bertolt Brecht)

Numa tarde fria [com garoa] de um domingo, a Mostra Heliópolis de teatro nos privilegiou com o espetáculo *A cruzada dos corações puros [ou quem inventou a guerra]* da Cia. Variante da cidade de Guarulhos, texto que foi inspirado no poema *A cruzada das crianças* de Bertolt Brecht, dentro do Cine Favela no bairro de Heliópolis.

O espetáculo, desde a sua chegada nos encanta e nos atravessa com suas musicalidades, figurinos e cenários minimalistas, caprichosos e potentes por si só. O cortejo inicial com sua bandeira branca, já nos indica o seu desejo: **a paz**. Para isso, seria necessário encontrar o “autor da história mundial”, pela busca de tal desejo. Quem seria esse autor? Ele existe? E é nessa busca incessante trazidas no espetáculo, que me remete, por vezes, a procura incessante de TAR [Referência a obra de *Fando&Lis* de Fernando Arrabal] ou na incansável espera de GODOT [Referência a obra de *Esperando Godot* de Samuel Beckett]. no mundo caótico, pós-guerra, da linha do teatro do absurdo. Onde é TAR? Quando chegaremos a TAR? Quem é Godot? Quando ele vem? Entretanto, o teatro épico-dialético, proposto pela Cia. Variante, escrita com eficiência pela Tati Takiyama e conduzido notavelmente por Danilo Mora, ambos que também compõe o elenco em conjunto com as pulsantes Letthícia Johanson e Samantha Verrone, risca o chão e evidencia a busca de uma provocação sobre questões sociais e políticas. Não subestimaram o seu público infantil e/ou infanto-juvenil, e souberam instigar e encorajar os presentes para questionamentos, reflexões e posicionamentos, criando de forma pontual, uma realidade crítica do Brasil e mundo que vivemos.

Para essa cruzada, o espetáculo se apropriou sabiamente, de composições artísticas de múltiplas linguagens populares (máscaras, boneco, canções) para trazer questões sérias e permanentes, representadas por crianças, de uma sociedade devorada pelo capital. Conseguimos visualizar e refletir sobre: “os homens de coturno” que diariamente já tem seus alvos pré-estabelecidos [Heliópolis e todas as regiões e pessoas pobres e marginalizadas que o digam]; os cachorros famintos; ambulantes e a classe trabalhadora; as crianças miúdas, prateadas, malabaristas das ruas, faróis e metrô; e a

¹ Ator, diretor e pesquisador teatral. É integrante fundador da Cia. Los Puercos. Doutorando em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da UNESP e em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre em Teatro pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ) e graduado em Artes Cênicas pela Faculdade Paulista de Artes.

forte imagem do garoto sírio de três anos, Alan Kurdi, encontrado na praia da Turquia [2015], representando os refugiados que diariamente são assassinados como um projeto de Estado, por cruzarem diversas fronteiras geográficas e sociais.

Já sabemos quem rasga e suja nossas botinas e nos sabota, mas por vezes nos esquecemos. Estamos há séculos num sistema que perpetua e amplia a exploração da classe operária e a desigualdade humana. Esse mesmo sistema nos conduz perversamente à alienação e normaliza, por exemplo, a fome a morte. Quem será o autor da história mundial para que pudéssemos responsabilizar tais crueldades? Será Deus? Que Deus é esse que causa todo esse sofrimento e desigualdade? O espetáculo *A cruzada dos corações puros [ou quem inventou a guerra]*, além de trazer tais questões, consegue de forma estratégica, nos conscientizar com a abrangência dos temas apresentados com um propósito: precisamos dar as mãos, pois somos todos autores da história mundial.

Por que existem o mal e o sofrimento humano?

Se eu conversasse com Deus

Iria lhe perguntar:

Por que é que sofremos tanto

Quando se chega pra cá?

Perguntaria também

Como é que ele é feito

Que não dorme, que não come

E assim vive satisfeito.

Por que é que ele não fez

A gente do mesmo jeito?

Por que existem uns felizes

E outros que sofrem tanto?

Nascemos do mesmo jeito,

Vivemos no mesmo canto.

Quem foi temperar o choro

E acabou salgando o pranto?

– Leandro Gomes de Barros